

ANÁLISE FINANCEIRA DE UMA FINTECH – ROA E ROE

Helena Farias Ribeiro*

RESUMO

O estudo a seguir busca analisar uma *fintech* fundada no Brasil, quanto a seus indicadores financeiros de Taxa de Retorno Sobre o Ativo (ROA) e Taxa de Retorno Sobre o Patrimônio Líquido (ROE). Foram coletados dados bibliográficos para conhecimento do termo *fintech* e para a definição e análise da taxa de retorno sobre o ativo e taxa de retorno sobre patrimônio líquido. Posteriormente, foram coletados dados referentes ao Balanço Patrimonial e Demonstrativo de Resultados Consolidados da *fintech* estudada, no período de 2018 a 2019 através de dados secundários. A pesquisa se caracterizou como descritiva e quantitativa. Foi feito o cálculo do ROA e do ROE, e efetuadas as análises dos resultados obtidos. A empresa apresentou ROA e ROE negativos nos dois anos analisados. Ressalta-se que, para um estudo mais completo, propõem-se pesquisas futuras, abrangendo períodos temporais mais longos e usando outros indicadores financeiros além dos aqui tratados.

Palavras-chave: Fintechs; Retorno Sobre Ativo; Retorno Sobre o Patrimônio Líquido.

ABSTRACT

The following paper aims to analyze a fintech founded in Brazil, regarding its financial indicators of Return on Assets (ROA) and Return on Equity (ROE). Bibliographic data were collected to understand the term fintech and to define and analyze the rate of return on assets and the rate of return on equity. Subsequently, data were collected referring to the balance sheet and Consolidated Income Statement of the studied fintech, in the period from 2018 to 2019 through secondary data. The research was characterized as descriptive and quantitative. The ROA and ROE were calculated and the results obtained were analyzed. The company had negative ROA and ROE in the two years analyzed. It should be noted that, for a more complete study, future research is proposed, covering longer time periods and using other financial indicators in addition to those discussed here.

Keywords: Fintechs; Return on Assets; Return on Equity.

Data de submissão 21.12.2020¹

Data de aprovação 21.12.2020

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço da tecnologia, a economia mundial tem sido afetada, segundo Schumpeter (1982) os ciclos longos do capitalismo são explicados pelos fatos causados por grandes invenções, que pela ação dos empresários vão penetrar no campo da produção e vêm revolucionar o tecido produtivo. Tais mudanças transformam de forma contínua seus elementos vitais criando elementos novos ou seja, os mecanismos de inovação vão criar um processo contínuo de destruição criadora, processo que compõe a base fundamental do capitalismo. A maneira de se relacionar, de conectar uns aos outros e de fazer negócios está sendo moldada por uma revolução digital. Hoje já é possível ser atendido por um médico de forma digital, *on-line*, e até fazer exames.

Na área financeira, os avanços não param de acontecer, e em 2008, impulsionada pela crise global, e pelo avanço de serviços baseados na internet, uma série de alternativas financeiras que possuem instrumentos de financiamento e canais distribuídos digitalmente, surgiram fora do sistema tradicional financeiro (PINTO, 2018).

Videira (2009) e Contel (2011) apontam que as diversas transformações ocorridas nas três últimas décadas vêm imprimindo um caráter de fluidez ao território, alterando a composição da economia na direção das prestações de serviços, dentre eles, os voltados para as finanças, o que nos motiva a compreender esse mosaico de novos elementos urbanos e novos formatos financeiros, que surgem no cenário contemporâneo.

Leong et al. (2017) e Lee e Shin (2018) afirmam que a revolução da tecnologia da informação mudou vários aspectos no mercado, incluindo os processos das instituições financeiras tradicionais (bancos). De acordo com Nienaber (2017), os bancos foram os primeiros a utilizar a tecnologia da informação a seu favor, o que os tornou mais eficientes em suas operações, e possibilitou maior celeridade em determinadas tomadas de decisões. Entretanto, tais eventos não foram suficientes para conseguir reduzir as altas taxas cobradas, a burocracia, e as longas filas em suas agências, dentre outros gargalos que geram insatisfação aos clientes (KLEIJ, 2017).

Para Zavolokina et al (2016), as “*Financial Technology*” ou apenas “*fintechs*”, são iniciativas que aliam tecnologia e serviços financeiros, para trazer inovações na forma de lidar com as finanças. De acordo com Arner et al (2015), Fintech é definida por empresas que disponibilizam serviços ou soluções financeiras potenciadas pela tecnologia e que apresentam um novo paradigma. Puschmann (2017) define o termo Fintech como inovações incrementais ou disruptivas induzidas por desenvolvimentos de tecnologia da informação, resultando em novos modelos de negócios intra ou inter-organizacionais, produtos e serviços, organizações, processos e sistemas. Segundo Fernandes (2018), no mundo, o movimento das *fintechs* vem se consolidando desde 2010, com Inglaterra e Estados Unidos liderando esse novo mercado. No Brasil, tais *startups* começaram a demarcar território desde 2013, quando voltaram seu foco para empreendedores e investidores.

De acordo com Zavolokina et al. (2016), embora a crescente importância das *fintechs*, o fenômeno *fintech* tem poucas informações teóricas. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar os indicadores financeiros de uma fintech do Brasil. Os objetivos específicos foram divididos em três partes, sendo elas: conhecer o *termo fintech*, entender seu funcionamento, e por fim analisar os indicativos de ROE e ROA da *fintech* estudada através da coleta de dados de seu demonstrativo de resultado e balanço patrimonial. O trabalho foi estruturado em:

Introdução, Referencial teórico, Metodologia, Resultados e Considerações Finais. O estudo foi elaborado por intermédio de uma pesquisa descritiva documental quantitativa, através de uma revisão bibliográfica. Para isso foram coletadas informações financeiras das empresas estudadas, para que sejam calculados os indicadores de ROA e ROE nos anos de 2018 e 2019.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FINTECHS

As estatísticas mostram que um a cada três brasileiros não possuem conta em banco, representando cerca de quarenta e cinco milhões de pessoas, e que movimentam oitocentos e dezessete bilhões de reais por ano fora do sistema bancário (EXAME, 2019).

Deste modo, as instituições financeiras tradicionais investem intensamente na digitalização de seus serviços. O segundo maior banco da Espanha (BBVA) investiu uma média anual de cerca de 800 milhões de euros desde 2011 e o maior banco da Alemanha (Deutsche Bank) anunciou o investimento de 1 bilhão de euros em digitalização até 2020, além disso as instituições tradicionais buscam cada vez mais se beneficiar de alianças com as *fintechs*, criando fundos de capital de risco acima de US\$ 100 milhões (GUEDES e MATOS, 2018).

No Brasil em 2016, os aparelhos móveis foram responsáveis por 34% do volume de transações bancárias, segundo a Federação Brasileira de Bancos (Febraban), ultrapassando o *internet banking* (23%), isto é, juntos, *internet banking* e celulares responderam por 57% do total de movimentações financeiras naquele ano (INFORMATIVO DA SECRETARIA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS , 2017).

O Banco do Brasil, um dos cinco maiores bancos do país, de acordo com a Febraban (2020), pretende abrir 500 escritórios e agências digitais. Nesses lugares não existe atendimento presencial ao público e reúnem gerentes para atender remotamente determinada região. No Banco do Brasil, 70% das transações financeiras são realizadas por meio de canais digitais, com o acesso pelo aplicativo no celular respondendo por 48% das movimentações ano (INFORMATIVO DA SECRETARIA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS , 2017).

Fechar uma operação de empréstimo consignado (com desconto em folha de pagamento) por intermédio do celular custa centavos para o banco, já na rede física, o custo sobe para sessenta reais. Outro benefício das plataformas digitais, é que elas permitem um uso mais eficiente da estrutura, enquanto uma agência digital abriga 45 mil clientes, as unidades tradicionais atendem cerca de 2,5 mil (INFORMATIVO DA SECRETARIA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS , 2017).

O relacionamento entre as *fintechs* e os bancos brasileiros, pode ser analisado a partir de quatro fases. A primeira foi definida como momento de rejeição, posto que os bancos imaginaram que as *fintechs* não representavam ameaça, pelo seu pequeno tamanho. A segunda fase foi a de atenção, onde surgiram diversas iniciativas, após 2010, relacionadas ao universo das *fintechs*, e foram emergindo no cenário internacional, trazendo à discussão o potencial dessas novas empresas junto ao setor bancário. A terceira fase foi a de aproximação, na qual os grandes bancos criaram um ambiente de relacionamento com essas empresas. E por fim a fase de colaboração, na qual já existe uma maturidade do relacionamento entre os bancos e as *fintechs* (BARBOSA, 2018).

Segundo Marques (2018), a ideia da digitalização total de algumas *startups* despontou por conta da aderência aos dispositivos móveis por parte da população cada vez maior, e isso ficou notável quando é feita uma análise dos dados de aparelhos móveis. O número de aparelhos no mundo, em 2000, girava em torno de 738 milhões, em 2019 esse número subiu para 8,6 bilhões, maior que o número de habitantes do planeta. No Brasil, em 2000 eram cerca de 23.188.171 aparelhos, em 2019 ultrapassou os 231.800.000. Um crescimento brutal em nível de mundo e certamente também no Brasil, como mostram os dados (RELATÓRIO ITU, 2019).

Segundo a Associação Brasileira de *Fintechs* (ABFINTECHS), as *fintechs* são caracterizadas como “[...] aquelas empresas que usam tecnologia de forma intensiva para oferecer produtos na área de serviços financeiros de uma forma inovadora, sempre focada na experiência e necessidades do utilizador” (ABFINTECH, 2019). As *startups* de *Fintech*, união das palavras *financeira* e *technology*, são iniciativas que reúnem tecnologia e serviços financeiros com o objetivo de trazer inovações na forma de se lidar com as finanças, se colocando contra o estilo dos bancos tradicionais (ZHANG et al., 2015).

As *startups* são empresas que surgem a partir de bases tecnológicas, quer dizer, possuem os fundamentos da sua estratégia competitiva na inovação tecnológica disruptiva (DULLIUS; SCHAEFFER, 2016, p.36). De acordo com Bharadwaj et al. (2013), negócios digitais são tipos de empreendimentos que usufruem das tecnologias digitais para transformar suas estratégias, processos e capacidades, tal qual seus produtos e serviços. Além de acessar e compartilhar informações, um modelo de negócios digitais, como é o caso das *fintechs*, precisa perseguir eficiência de conteúdo e de informação através de plataforma digitais (WEILL; WOERNER, 2013).

Segundo o relatório de 2016 da *FintechLab*, as *fintechs* visam a proporcionar melhores experiências aos usuários, geração de inteligência através de um grande volume de dados para melhorar a tomada de decisão, bem como a integração dos diferentes elos do mercado de maneira mais eficiente, com menos erros operacionais, reduzindo custos aumentando a velocidade das transações (REPORT FINTECH, 2016).

De acordo com a Revista Exame (2019), o desejo das *Fintechs* é além de obter novos clientes que já possuem conta em bancos tradicionais, trazer também a população “não bancarizada” para dentro das novas financeiras tecnológicas. Consoante a Chuen e Teo (2015), ao oferecer serviços financeiros inovadores, como organizações fáceis de ativos e de conformidade, as *fintechs* evoluem para concorrentes desafiadores e aliados fortes das instituições financeiras tradicionais.

O mecanismo introduzido pelas *fintechs* é diferente do padrão, segundo estudos financeiros, o valor investido em empresas deste porte aumentou 75% ainda em 2016 no mercado global e no total, mais de 50 bilhões de dólares foram investidos no mundo em *fintechs* desde 2010. De modo geral, a grande importância é a ruptura que o mecanismo representa na cultura bancária mundial (MARQUES, 2018).

No Brasil, o número de *fintechs*, empresas que oferecem serviços financeiros de modo digital, utilizando tecnologia, aumentou de 604 em junho do ano passado para 771 em agosto de 2020. O crescimento é de quase 28%, segundo a pesquisa Radar *FintechLab*. A maioria das novas *fintechs* está no setor de pagamentos, dentro desse meio são incluídas as adquirentes (companhias que oferecem máquinas de cartão ou outra forma de aceitação de pagamento eletrônico), empresas de cartão,

companhias que oferecem *cashback* (dinheiro de volta) e ainda as que oferecem contas de pagamentos conhecidos como carteiras digitais (VALOR INVESTE, 2020).

2.2 TAXA DE RETORNO SOBRE INVESTIMENTO

De acordo com a Lei 6.404/76, art. 176, de 15 de dezembro de 1976, ao final de cada exercício as empresas de sociedades anônimas precisam divulgar as demonstrações financeiras a seguir: Balanço patrimonial, Demonstração dos Lucros e Prejuízos Acumulados, Demonstração do Resultado do Exercício, Demonstração de Fluxo de Caixa, e para empresas de companhia aberta, Demonstração do Valor Adicionado. Ainda no art. 186 da mesma Lei, os dados da Demonstração dos Lucros e Prejuízos Acumulados podem ser incluídos na Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido (BRASIL, 1976).

A Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) mostra o resultado apurado no exercício e suas movimentações (RIBEIRO, 2018). Para Luz (2017), as movimentações das contas de patrimônio da organização são observadas na Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido.

A análise das demonstrações contábeis pode contribuir para uma melhor tomada de decisões, visto que além das demonstrações contábeis, são calculados indicadores financeiros. Para vencer no mercado competitivo é preciso que a empresa tenha o propósito de se diferenciar perante as demais empresas, e deste modo, a mesma deve desenvolver recursos para inserir estratégias gerenciais satisfatórias (BAZZI, 2016).

A Demonstração do Resultado do Exercício é a demonstração que mostra as contas de resultado, ou seja, as receitas e despesas geradas no período. Pode-se identificar o desempenho da empresa, conferindo as contas contábeis nas quais contribuíram ou não para o resultado do exercício (MELO; BARBOSA, 2018).

A análise de Balanços transforma esses dados em informações e será tão intensamente eficientes quanto melhores informações produzir. De acordo com Perez Junior e Begalli (2015) o Balanço Patrimonial é a demonstração que representa a situação financeira e patrimonial da entidade em determinado momento. Iudícibus (2017) afirma que o Balanço Patrimonial é uma representação gráfica que mostra a posição das contas patrimoniais em determinado período e é composto, por mera convenção pela coluna do Ativo pela esquerda e a coluna do Passivo e Patrimônio Líquido pela direita.

Machado (2015) afirma que os indicadores financeiros são calculados através das demonstrações contábeis, em que apresenta sua capacidade de pagamento, prazos para recebimento e pagamento, renovação dos estoques, entre outros quesitos. Conforme Reis (2009, p. 153), “os índices de rentabilidade medem a capacidade de produzir lucro de todo o capital investido nos negócios (próprios e de terceiros)”. Para Assaf Neto (2010), os indicadores do valor econômico apontam se as estratégias utilizadas pela empresa agregaram valor, reforçando a viabilidade econômica e a continuidade do empreendimento.

O ROI, taxa de retorno sobre investimento, pode ser utilizado como alternativa ao ROA, taxa de retorno sobre ativo, para avaliação do retorno dos recursos aplicados pelos credores e acionistas na empresa. (ASSAF NETO, 2010). De acordo com Kassai et al. (2000, p. 174), “A expressão mais simples de retorno de investimento é a taxa apurada a partir dos dados contábeis”. Quanto maior o ROI maior o retorno obtido (ASSAF NETO, 2010).

Segundo Matarazzo (1988), as demonstrações financeiras oferecem uma série de dados sobre a empresa, de acordo com regras contábeis. De acordo com Assaf Neto (2008), o Retorno sobre o ativo (ROA) é uma consequência gerada, apenas pelas deliberações por ativos. Segundo Wernke (2008), o índice é definido como o indicador que demonstra o retorno obtido com o dinheiro aplicado pela empresa em ativos, num determinado período.

Para Reis (2009), o lucro líquido é o lucro operacional somado às receitas extra operacionais (ganhos na alienação de valores do ativo permanente) e subtraindo as despesas extra operacionais (perdas na alienação de valores do ativo permanente) e das participações de terceiros no resultado, como imposto de renda ou pagamentos a empregados e diretores. Segundo Kassai et al. (2002), o ROA é a taxa de retorno verdadeira da empresa, atribuída à sua capacidade geradora de resultados, independentemente de sua estrutura de financiamento. Marion (2001) afirma que a combinação dos ativos é o que forma receita para a empresa, estes são os investimentos feitos pela empresa para obter receitas e consequentemente o lucro.

De acordo com Matarazzo (2003), Gitman (1997), Marion (2001) e Zdanowicz (1998) a fórmula para cálculo do ROA é a razão entre o lucro líquido após o imposto de renda e o ativo total. Segundo Zdanowicz (1998), há uma diferença de conceito entre ROI e ROA: o ROI é associado apenas com a atividade específica, em termos de receita operacional líquida, rendimento operacional líquido, já o ROA inclui o total das vendas, lucros e ativos da empresa em um determinado período.

Segundo KASSAI et al., (1999) enquanto o ROI e o ROA medem o desempenho global, isto é, sobre os recursos totais aplicados no patrimônio da empresa, a taxa de retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) mensura a rentabilidade sobre os recursos líquidos da empresa, sobre os recursos efetivamente investidos pelos proprietários. Dentre os indicadores de taxa de retorno de investimento o ROE é o mais importante para os investidores, pois mostra a capacidade da empresa de remunerar o capital que foi investido pelos sócios (MARTINS, MIRANDA, DINIZ, 2012). Segundo Gitman (1997) e Bruni (2018) a fórmula para cálculo do ROE é calculado pela razão entre o Lucro líquido após o imposto de renda e o Patrimônio Líquido da firma, no período estudado.

3 METODOLOGIA

A pesquisa feita é de caráter quantitativo, descritiva e documental realizada a partir de dados secundários, públicos, coletados em fontes públicas, disponíveis na internet. A pesquisa descritiva foi utilizada, pois de acordo com Prodanov e Freitas (2013), esta metodologia visa enfatizar características de fenômenos e suas variáveis. Ademais, foram pesquisados os conceitos e objetivos dos índices econômico-financeiros, em específico a taxa de retorno sobre o ativo, a taxa de retorno sobre o patrimônio líquido e conceitos e informações sobre as *Fintechs*.

Para que o objetivo do trabalho fosse alcançado, foram feitas pesquisas no site Scielo.br e Google Acadêmico, utilizando palavras chave como: *fintechs*; taxa de retorno de investimento; análise financeira. A pesquisa descritiva foi realizada para atingir os objetivos específicos, ou seja, definir o conceito de *fintechs*, compreender como operam e definir os conceitos de ROA e ROE.

Houve coleta de dados contábeis relativo à empresa em estudo, entre os anos de 2018 a 2019, para a pesquisa documental. As fórmulas utilizadas para cálculo do ROA e do ROE estão elencadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Fórmulas de taxa de retorno sobre o ativo e taxa de retorno sobre o patrimônio líquido

Indicador	Fórmula	Autores
Taxa de retorno sobre o ativo	$ROA = \frac{\text{Lucro líquido}}{\text{Ativo Total}}$	Bruni (2018) Gitman (1997)
Taxa de retorno sobre o patrimônio líquido	$ROE = \frac{\text{Lucro líquido}}{\text{Patrimônio líquido}}$	Bruni (2018) Gitman (1997)

Fonte: Adaptado de Bruni (2018) e Gitman (1997).

4 RESULTADOS

De acordo com Bruni (2018), os índices de rentabilidade fornecem dados que possibilitam avaliar como a empresa evoluiu economicamente.

Os dados coletados referentes ao período estudado estão elencados no Quadro 2, o Patrimônio Líquido, o Ativo Total e o Prejuízo Líquido apurados.

Quadro 2 – Dados do Ativo e PL e Resultado do Exercício em 2018 e 2019

Dados Financeiros (em milhares de R\$)	2019	2018
Patrimônio Líquido	1.001.842,00	1.075.194,00
Total do ativo	25.944.075,00	10.720.124,00
Resultado Líquido	(312.701,00)	(100.291,00)

Fonte: Dados da pesquisa

A seguir segue o Quadro 3 com os valores calculados do ROA e do ROE referente aos anos estudados, a partir das formulações propostas na Metodologia:

Quadro 3 – Resultado do ROA e ROE apurados

Taxa de retorno sobre investimento	2019	2018
ROA	-1,2053%	-0,9355%
ROE	31,2126%	-9,3277%

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com os resultados obtidos, a *Fintech* estudada possui ROA negativo tanto no ano de 2018, quanto no ano de 2019. Este resultado significa que a empresa teve Prejuízo Líquido ao invés de Lucro Líquido. Também se nota que houve acréscimo significativo nos valores dos ativos da empresa, entre 2018 e 2019. Entretanto, o Demonstrativo de Resultado do Exercício mostra valores negativos para o Resultado Líquido, nos dois anos analisados.

Portanto, o resultado negativo do ROA é explicado devido ao Prejuízo Líquido referente aos períodos estudados, disponíveis no Demonstrativo de Resultados da empresa. Quanto menor o valor do ROA, menos favorável para a empresa, pois a taxa reflete o quanto a empresa está

gerando retorno sobre o ativo total. Ressalta-se que este valor negativo é fruto do denominador da fórmula, o qual teve um valor negativo no numerador, forçando que o ROA seja negativo, ressalvando-se que o ativo da empresa cresceu significativamente dentro do período em estudo.

O mesmo aconteceu com o ROE, ou seja, os dois valores obtidos foram negativos pelos mesmos motivos. Isso poderia ser devido ao Patrimônio Líquido, caso os valores fossem negativos, mas observando os valores coletados no Balanço Patrimonial, percebe-se apenas valores positivos nesta conta, como era de se esperar. Como o ROE utiliza o Lucro ou Prejuízo Líquido (Resultado Líquido) em sua fórmula, assim como o ROA, os valores negativos são explicados pelo Prejuízo Líquido evidenciado pela empresa tanto em 2018, quanto em 2019.

Um valor de ROE negativo significa que a empresa reduz a sua capacidade de agregar valor a partir de seus capitais próprios. Também em relação ao Patrimônio Líquido observou-se que, contrariamente ao ativo, houve redução deste item entre 2018 e 2019, evidenciando que a empresa reduziu a sua fração de capital próprio no período analisado. A redução do lucro de 2018 para 2019, combinada com a redução do Patrimônio Líquido no mesmo período fez com que o ROE também diminuísse no período em estudo.

Analisando-se o Balanço Patrimonial da empresa, seguem considerações adicionais sobre o Ativo e o Passivo, no período avaliado, constantes no Quadro 4 e Quadro 5. No Quadro 6, foram tratados aspectos sobre o resultado do exercício em 2018 e 2019.

Quadro 4 – Considerações sobre o Ativo entre 2018 e 2019

Ativo (Valores em milhares de R\$)	2019	2018
Total do ativo circulante	24.771.000	10.478.237
Disponibilidades	570.765	284.364
Aplicações interfinanceiras de liquidez	3.268.283	687.993
Aplicações no mercado aberto	3.251.145	687.993
Aplicações em depósitos interfinanceiros	17.138	
Títulos e valores mobiliários e derivativos	9.629.531	2.960.980
Carteira própria	7.328.414	516.354

Fonte: Dados da pesquisa

Deve-se pontuar o elevado crescimento do Ativo Circulante de 2018 para 2019 em variação positiva de 236,4%. Analiticamente, observa-se um crescimento significativo nas Aplicações, tanto no mercado aberto, quanto aplicações interfinanceiras de liquidez, com aumento de mais de 400% em cada uma. Os Títulos e Valores Mobiliários e derivativos também tiveram um aumento de 325,2% dentro do período em estudo. Além disso, na conta de Carteira Própria, que é a própria carteira de investimentos da empresa, houve um crescimento de mais de 1.000%.

Quadro 5 – Considerações Sobre o Passivo entre 2018 e 2019

Passivo (Valores em milhares de R\$)	2019	2018
Total do passivo circulante	24.120.197	9.601.759
Recebimentos e pagamentos a liquidar	11.971.391	6.482.201
Dívidas subordinadas	1.425.862	
Total do passivo exigível a longo prazo	736.778	1.212

Fonte: Dados da pesquisa.

Observando as contas do Passivo, nota-se um aumento no Passivo Circulante, que é justificado pelo aumento na conta Recebimentos e Pagamentos a Liquidar, Dívidas Subordinadas, dentre outros aumentos que ocorreram dentro da conta do Passivo. De forma geral, os passivos da empresa aumentaram de 2018 a 2019, evidenciando que a empresa utilizou mais capitais de terceiros para financiar seus ativos, considerando-se que o capital próprio sofreu redução em 2019, em comparação com 2018, como já anteriormente apontado.

Quadro 6 – Considerações sobre as contas de resultado no período 2018 e 2019

Contas de Resultado (Valores em milhares de R\$)	2019	2018
Receitas da intermediação financeira	568.144	173.847
Despesas da intermediação financeira	(878.191)	(584.220)
Outras receitas / despesas operacionais	(144.971)	293.777
Receitas de prestação de serviços	933.255	484.407
Despesas de pessoal	(364.473)	(186.198)
Outras despesas administrativas	(1.035.721)	(341.620)
Despesas tributárias	(192.727)	(98.917)
Outras receitas operacionais	1.113.482	641.607
Outras despesas operacionais	(700.830)	(256.823)

Fonte: Dados da pesquisa.

No DRE, deve-se pontuar o crescimento nas Receitas de Intermediação Financeira de 326,81% enquanto as Despesas de intermediação financeira também aumentaram em 150,31%. As Receitas, neste caso, aumentaram mais do que as Despesas, o que é favorável, pois assim gera incremento no resultado líquido do exercício. Na conta de Outras Receitas/Despesas Operacionais, percebe-se que em 2018 teve saldo positivo e, já em 2019, houve reversão para saldo negativo.

Ademais, houve aumento em mais de 100% na conta Despesas de Pessoal, além de um aumento de 303,18% em Outras Despesas Administrativas. Também houve aumento em Despesas Tributárias e Despesas Operacionais. Em conjunto, estas informações podem mostrar que a empresa se encontra em expansão, demandando mais colaboradores e aumentando despesas operacionais, decorrentes do aumento do volume de atividades, no período estudado.

5 CONCLUSÃO

Avalia-se que os objetivos específicos do trabalho foram atendidos, sendo possível compreender o significado do termo *Fintech*, seu funcionamento e a importância, além do significado dos indicativos de Taxa de Retorno Sobre Ativo e Taxa de Retorno Sobre o Patrimônio Líquido, definidos no objetivo geral desta pesquisa.

O crescimento das *fintechs* no Brasil foi importante para que sejam ofertados serviços sem taxa ou com custos menores do que os ofertados pelos bancos tradicionais. Além disso, com a chegada das *fintechs*, os bancos tradicionais estão buscando se digitalizarem cada vez mais, para competir com essas empresas. Isso é positivo para o consumidor, que consegue cada vez mais utilizar os serviços, como fazer empréstimos, pagar contas, sem sair de casa, utilizando *internet banking*, ou um *smartphone*.

A *Fintech* analisada mostrou, nos dois anos analisados, ROA e ROE negativos, o que não é bom em curto prazo. Isto se deveu ao fato de ter obtido prejuízo líquido, ao invés de lucro, no período em estudo. Contudo, deve-se pontuar que, apesar do prejuízo, a empresa conseguiu aumentar seu ativo em 242% de 2018 para 2019, evidenciando que está em fase de amplo crescimento. Além disso, a empresa estudada é jovem, tendo sido criada em 2013, e, portanto, deve buscar alternativas para aumentar o seu resultado a partir do seu maior volume de ativos, conforme apontado.

Foi possível identificar que houve um aumento significativo nas contas de despesas, isso se deve ao fato de a empresa estar em crescimento e buscando mais investimentos. Isto parece razoável, considerando-se que o ativo também apresentou forte expansão no período estudado, justificando o aumento em despesas.

Para pesquisas futuras, sugere-se um estudo mais aprofundado, contando com outros índices, tais como: índice de liquidez, índice de endividamento, além de outros próprios das avaliações específicas de atividades bancárias. Como principal limitação desta pesquisa, destaca-se o curto horizonte temporal utilizado, o que poderá ser suprido com a replicação desta metodologia em trabalhos futuros, observando-se períodos de tempo maiores do que os aqui tratados.

REFERÊNCIAS

- ARNER, D. W.; BARBERIS, J.; BUCKLEY, R. P. **The evolution of Fintech: A new postcrisis paradigm**. *Geo. J. Int'l L.*, v. 47, p. 1271, 2015.
- ASSAF NETO, A. **Curso de Administração Financeira**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- BARBOSA, R. R. **Fintechs: A atuação das empresas de tecnologia de serviço financeiro no setor bancário e financeiro brasileiro**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- BAZZI, S. (Org). **Análise das demonstrações contábeis**. 1. ed. São Paulo: Pearson education do Brasil, 2016.
- BHARADWAJ, A; EL SAWY, O. A.; PAVLOU, P. A.; VENKATRAMAN, N. Digital business strategy: toward a next generation of insights. **Management Information Systems Quarterly**, v. 37, n. 2, p. 471-482, jun. 2013.
- BRASIL**. Lei Nº 6.404, art. 176, de 15 de dezembro de 1976. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6404consol.htm>: Acesso em: 22 Out. 2020.
- BRASIL**. Lei Nº 6.404, art. 186, de 15 de dezembro de 1976. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6404consol.htm>: Acesso em: 22 Out. 2020.
- BRUNI, Adriano Leal. **Avaliação de Investimentos**, 3.Ed. São Paulo: Atlas, 2018.
- CONTEL, F. B. **Território e finanças. Técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2011.
- DULLIUS, A. SCHAEFFER, P. (2016). As capacidades de inovação em *startups*: contribuições para uma trajetória de crescimento. **In Revista Alcance**, v. 23, n.1, pp. 34-50.
- EXAME**. Quase 20% dos brasileiros preferem os bancos digitais, mostra pesquisa. Disponível em <<https://exame.com/tecnologia/quase-20-dos-brasileiros-preferem-os-bancos-digitais-mostra-pesquisa/>>. Acesso em: 22 Out. 2020.
- FERNANDES, D. P. As fintechs e a nova realidade do mercado financeiro. **Treasy**, 2018. Disponível em: <<https://www.treasy.com.br/blog/fintechs/>> . Acesso em: 22 Out. 2020.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. São Paulo: Harbra, 7. ed., 1997.

GUEDES, J. V.; MATTOS, C. A. de. **Análise de uma Fintech a partir da taxonomia de serviços**. In: XXXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO “A Engenharia de Produção e suas contribuições para o desenvolvimento do Brasil”, Maceió, 16 a 19 de outubro de 2018.

INFORMATIVO DA SECRETARIA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS Nº 117 – Ano 11 – Brasília (DF), 28 de xxxx de 2017.

IUDÍCIBUS, S. **Análise de Balanço – Análise da Liquidez e do endividamento Análise do giro, rentabilidade e alavancagem financeira**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

KASSAI, J. R.; KASSAI, S.; ASSAF NETO, A. Índice de especulação do valor agregado – IEVA. **Revista Contabilidade & Finanças**. São Paulo, Número 30, Setembro/Dezembro 2002.

KASSAI, J. R.; KASSAI, S.; SANTOS, A.; ASSAF NETO, A. **Retorno de investimento: abordagem matemática e contábil do lucro empresarial**. São Paulo: Atlas, 1999.

KASSAI, J. C.; KASSAI, S.; SANTOS, A.; NETO, A. A. **Retorno de Investimento: Abordagem Matemática e Contábil do Lucro Empresarial**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

KLEIJ, E. v. d. **Gigantes da tecnologia tornando-se bancos não bancos**. In: CHISHTI, S.; BARBERIS, J. A revolução Fintech: o manual das startups financeiras. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

LEE, In; SHIN, Y. J. **Fintech: Ecosystem, business models, investment decisions, and challenges**. Business Horizons, v. 61, n. 1, p. 35-46, 2018.

LEONG, C., Tan, B., Xiao, X., Tan, F. T., & Sun, Y. Nurturing a FinTech ecosystem: The case of a youth microloan startup in China. **International Journal of Information Management**, pp. 92-97, 2017.

LUQUES, I. Para especialistas, insatisfação de clientes com bancos chegou a nível crítico. **O Globo**, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/para-especialistas-insatisfacao-de-clientes-com-bancos-chegou-nivel-critico-19987866>>. Acesso em: 20 Out. 2020.

LUZ, E. E. da. **Análise e Demonstração Financeira**. 1.Ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

MACHADO, L. H. M. **Sistema Financeiro Nacional**, 1.Ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

MARION, J. C. **Análise das demonstrações contábeis – Contabilidade empresarial**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, E.; MIRANDA, G. J.; DINIZ, J. A. **Análise avançada das Demonstrações Contábeis – Uma Abordagem Crítica**. São Paulo: Atlas, 2012.

MATARAZZO, D. C. **Análise Financeira de Balanços – Abordagem Básica**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1988.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 6th ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, M.; BARBOSA, S. **Demonstrações Contábeis: da teoria à prática**. 1.Ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2018.

NIENABER, R. **Bancos precisam pensar em colaboração, em vez de em competição** In: CHISHTI, S.; BARBERIS, J. A revolução Fintech: o manual das startups financeiras. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

NOTA FEBRABAN – Bancos/Medidas. FEBRABAN, 2020. Disponível em: <<https://portal.febraban.org.br/noticia/3418/pt-br/#:~:text=Nesse%20sentido%2C%20os%20cinco%20maiores,vigentes%20em%20dia%20e%20limitados>>. Acesso em: 02 Nov. 2020.

NÚMERO de Fintechs no Brasil cresceu 28% no último ano, maioria é de pagamentos. **Valor Investe**, 2020. < <https://valorinveste.globo.com/objetivo/empreenda-se/noticia/2020/08/25/numero-de-fintechs-no-brasil-cresceu-28percent-no-ultimo-ano-maioria-e-de-pagamentos.ghtml>>. Acesso em: 02 Nov. 2020.

PEREZ JUNIOR, J. H.; BEGALLI, G. A. **Elaboração e análise das demonstrações financeiras**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2015.

PINTO, Andréa Aparecida Bressani. **Fintechs: o futuro dos serviços financeiros no Brasil**. 2018.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 Ed. Novo Hamburgo: Editora FEEVALE, 2013.

PRODUTIVIDADE e comércio exterior. **Governo Federal**, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/ptbr/images/REPOSITORIO/scs/decos/Informativo_2017/117a_Informativoa_daa_Secretariaa_dea_Comercio_ea_Servicoa_2017.pdf>. Acesso em: 23 Out. 2020.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2006.

REIS, A. C. R. **Demonstrações Contábeis: estrutura e análise**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

RELATÓRIO da UIT. **International Telecommunication Union**, 2019. Disponível em: <<https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/stat/default.aspx>>. Acesso em: 22 Out. 2020.

RELATÓRIOS financeiros. **Nubank**, 2019. Disponível em: <https://nubank.com.br/docs/financial_statements/Nubank_consolidado_dez_2019.pdf>. Acesso em: 20 Out. 2020.

REPORT Fintechlab – A revolução Fintech já começou! **Fintechlab**, 2016. Disponível em: <http://fintechlab.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Report_FintechLab_2016_alta.pdf>. Acesso em: 21 Out. 2020.

RIBEIRO, O. Mo. **Contabilidade Fundamental**. 5.Ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

SCHUMPETER, J. - "**Teoria do Desenvolvimento Econômico**", Abril Cultural, São Paulo, 1982.

SOBRE Abfintechs. **Abfintechs**, 2019. Disponível em: <<https://www.abfintechs.com.br/sobre>> . Acesso em: 22 out. 2020.

VIDEIRA, S. L. **Globalização financeira: um olhar geográfico sobre a rede dos bancos estrangeiros no Brasil**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2009.

WERNKE, R. **Gestão Financeira: Ênfase em Aplicações e Casos Nacionais**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2008.

ZAVOLOKINA, L., DOLATA, M., and SCHWABE, G. 2016. **The Fintech phenomenon: Antecedents of financial innovation perceived by the popular press**. Financial Innovation, 2(1), 16.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Estrutura e análise das demonstrações contábeis**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

ZHANG, B.; WARDROP, R.; RAU, R.; GRAY, M. Moving mainstream: benchmarking the European alternative finance market. **The Journal of Financial Perspectives**, 2015.